

**TORCIDAS ORGANIZADAS,
COLETIVOS E MOVIMENTOS
DE TORCEDORES**

UM PANORAMA
NOS DIAS ATUAIS

Conselho Editorial Educação Nacional

- Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UFPR
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVGMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM, Unicamp
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

- Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – Iusur/Uruguai
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidad de Colima/México
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidad de Granada/Espanha
Profa. Dra. María Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Profa. Dra. María Verónica L. Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Três de Febrero – Argentina
Profa. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Três de Febrero/Argentina
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

Silvio Ricardo da Silva
Luiza Aguiar dos Anjos
Marina de Mattos Dantas
Renato Machado Saldanha
(organização)

**TORCIDAS ORGANIZADAS,
COLETIVOS E MOVIMENTOS
DE TORCEDORES**

UM PANORAMA
NOS DIAS ATUAIS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores [livro eletrônico] : um panorama nos dias atuais / organização Silvio Ricardo da Silva... [et al.]. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

ePub

Vários autores.

Outros organizadores: Luiza Aguiar dos Anjos, Marina de Mattos Dantas, Renato Machado Saldanha.

Edição bilíngue: português/espanhol.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-728-2

1. Comportamento social 2. Esportes 3. Futebol - Aspectos sociais 4. Torcedores de futebol - Brasil 5. Torcidas organizadas 6. Violência - Aspectos sociais I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Anjos, Luiza Aguiar dos. III. Dantas, Marina de Mattos. IV. Saldanha, Renato Machado.

23-172393

CDD-796.334

Índices para catálogo sistemático:

1. Futebol : Esportes 796.334

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

Esta obra contou com o apoio financeiro da CAPES/PROAP e PPGIEL/UFMG para a sua publicação na versão ebook

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98. É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO – ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS

Gustavo Andrada Bandeira

APRESENTAÇÃO

PARTE I – TORCIDAS ORGANIZADAS, COLETIVOS E MOVIMENTOS DE TORCEDORES

LAS “BARRAS BRAVAS” ARGENTINAS: ENTRE EL PROBLEMA SOCIAL Y EL PROBLEMA SOCIOLÓGICO

Nicolás Cabrera

MIDIATIZAÇÃO E FUTEBOL: DINÂMICAS DIGITAIS DO TORCER NO BRASIL

Ana Carolina Vimieiro

TORCIDAS, MOVIMENTOS E COLETIVOS DE TORCEDORES/AS: UMA CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS PESQUISADOS

*Luiza Aguiar dos Anjos, Marina de Mattos Dantas,
Felipe Vinícius de Paula Abrantes, João Carlos Silva Guimarães,
Luiz Gustavo Nicácio*

TORCIDAS ORGANIZADAS, MOVIMENTOS
E COLETIVOS. A ATUALIDADE DAS
ARQUIBANCADAS BRASILEIRAS A PARTIR
DO OLHAR DE TORCEDORES E TORCEDORAS

*Renato Machado Saldanha, Renata Alves Pinto Lemos,
Danilo da Silva Ramos, Fábio Henrique França Rezende,
Silvio Ricardo da Silva*

PARTE II – ESTÁDIOS

AS NOVAS FORMAS DE TORCER NA
CONTEMPORANEIDADE E A SUA RELAÇÃO
COM OS ESTÁDIOS

Rodrigo Koch

UMA MIRADA HISTÓRICA *IN MEMORIAM*
SOBRE OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL NA CIDADE
DE BELO HORIZONTE/MG

Georgino Jorge de Souza Neto, Sarah Teixeira Soutto Mayor

FRAGMENTOS DAS RELAÇÕES DOS TORCEDORES
COM OS ESTÁDIOS MINEIROS

*Danilo da Silva Ramos, Christian Matheus Kolanski Vieira,
Priscila Augusta Ferreira Campos, Amarildo da Silva Araujo, João
Victor Hortencio, Rafael Henrique Teixeira, Silvio Ricardo da
Silva*

AUTORES E AUTORAS

Prefácio
ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS

Gustavo Andrada Bandeira

Conheci o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) em 2010, quando estivemos juntos no I Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol na USP/Museu do Futebol, em São Paulo. Eu havia finalizado meu mestrado em 2009 e estava empolgado em poder participar de um evento inteiro sobre futebol. Não era uma mesa sobre esportes ou lazer em um seminário de gênero ou dos estudos culturais, mas um simpósio internacional inteiro dedicado à temática. Uma das discussões mais presentes entre nossa comunidade acadêmica (o que por falta de melhor expressão chamarei das relações entre o futebol e a sociedade) é se estudamos “o” futebol ou “no” futebol. Aquele simpósio que me permitiu ver o rosto das minhas referências bibliográficas. Os encontros realizados me permitiram responder positivamente as duas hipóteses. Sim, minha teoria é de gênero, não de futebol; ao mesmo tempo, o futebol na sociedade brasileira ocupa um lugar que não pode ser entendido simplesmente como uma prática cultural qualquer. Sim, acredito que estudamos “no” futebol, mas também acredito que “o” futebol nos absorve para muito além de nosso trabalho acadêmico e ele, inclusive, amplia nosso alcance de diálogos. Por estudarmos

as manifestações culturais que acontecem no futebol acabamos alcançando espaços que colegas com trabalhos semelhantes, sobre outras práticas ou artefatos culturais, não alcançam.

Mas voltemos àquele primeiro contato com o GEFuT. Além de ter sido o único assistente de uma mesa chamada (a memória pode estar me traindo) de futebol e educação, proposta pelos estudantes do GEFuT. Silvio Ricardo da Silva foi um ótimo intérprete quando apresentei meu trabalho ao lado de outro integrante do grupo ao traduzir meu português gaúcho para o português brasileiro. Ao contrário de todos os gaúchos, no Brasil, ninguém sabia o que era goleira. Ou melhor, no Brasil, goleira é a variação do gênero feminino para goleiro. É a mulher que joga no gol. Gol, no caso, que é a forma preferencial que os brasileiros se referem às gaúchas goleiras. As torcidas Geral do Grêmio e Popular do Internacional que no Rio Grande do Sul ficavam atrás das goleiras, no restante do Brasil ficariam atrás dos gols.

Esse início de texto com caráter tanto mais anedótico serve para tentar dimensionar rapidamente o quanto de afeto está envolvido nessa breve escrita. Tenho um carinho muito significativo por esse grupo que sempre foi muito caloroso comigo. Por pequenos detalhes não “joguei” oficialmente no GEFuT. Mas esse é um grupo que não vive somente de bons afetos. Ele vive de muito trabalho e de uma tentativa sempre constante de ampliar o entendimento acadêmico sobre o futebol (e outros esportes) e, também, tentar ampliar o entendimento dos torcedores sobre esse complexo fenômeno. Se fosse possível, ou mesmo desejável, resumir o trabalho realizado pelo GEFuT ao longo desses anos (a turma começou antes de 2010, eu fui quem cheguei atrasado) é esse constante e honesto esforço de fazer um diálogo entre o universo acadêmico e as práticas torcedoras das mais diversas.

O GEFuT, eu e os pesquisadores da segunda metade da década de 1990 e da primeira década do século XXI podemos ser esquematicamente “enquadrados” na segunda onda dos estudos sobre futebol (jogado por homens). Após um primeiro

esforço em discutir a identidade nacional, as torcidas passaram a ocupar protagonismo, especialmente, mas não exclusivamente, as torcidas organizadas (TOs), mais especialmente ainda, a partir do protagonismo midiático delas, majoritariamente, vinculadas aos episódios de violência.

Parte do esforço intelectual do GEFuT poderá ser encontrado nas páginas que se seguem nesse *Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores: um panorama nos dias atuais*. O grupo sempre militou contra a criminalização das TOs e sempre colocou seus integrantes à dialogarem em todos os espaços entre eles, com outros torcedores, com as autoridades policiais, entidades de governo, gestores de estádios (ou, *blergh*, arenas) e com todos aqueles e aquelas que tinham interesse e disposição de escutar a versão de um dos personagens que mais “sofrem” narrativas sobre si.

Respeitando o que manda o bom fazer científico, o grupo conseguiu perceber o crescimento de outros tipos de movimentos, diferentes das TOs, mas coletivos, com pautas por vezes conflitantes, mas que começaram a conseguir alterar a narrativa normativa do cenário até então. Se quando conheci o GEFuT os principais personagens eram divididos em somente dois: as TOs e os torcedores comuns (com muitas particularidades tanto entre as primeiras quanto entre os segundos), o cenário contemporâneo ganhou esse instigante novo personagem que tem potencializado a discussão de temáticas que até então eram engolidas pela normatividade das TOs nos discursos sobre o torcer.

Seguindo a tradição do grupo, o diálogo com nossos colegas argentinos está presente a partir da discussão sobre as “*barras bravas*”, no linguajar midiático, ou “*hinchadas*”, no vocabulário nativo. No artigo *Las “barras bravas” argentinas: entre el problema social y el problema sociológico*, Nicolás Cabrera propõe esse deslocamento na problemática que envolve o equivalente argentino as brasileiras TOs. Ao tratar as “*barras bravas*” como problema social, o foco acaba colocado na acusação e na estigmatização e não em tentativas de resolução dos problemas da violência que

acompanham esses grupos. O autor apresenta o histórico da “cruzada moral” contra as barras e aponta à produtividade de pensar nesses grupos como problema sociológico. Ele argumenta que o pânico moral apoiado a um preconceito de classe social não permite realizar intervenções de forma adequada fazendo com que o futebol argentino seja o mais letal da região. Para o autor a repetição acrítica de mitos sobre as barras/hinchadas acaba inviabilizando propostas que permitam gerenciar os episódios violentos.

Na escrita de meu projeto de dissertação de mestrado, entre 2007 e 2008, chamei os torcedores de futebol que frequentavam os estádios de “verdadeiros torcedores de futebol”. Frases como essa é que nos ensinam como é potente e necessário revisarmos as nossas perspectivas. Agradeço ao justíssimo puxão de orelha dado pelo professor Edison Gastaldo naquela ocasião. Se naquele momento esse era um deslize possível dado o protagonismo das investigações sobre as práticas do torcer, hoje ele seria um equívoco de revisão bibliográfica mais importante. No texto “*Midiatização e futebol: dinâmicas digitais do torcer no Brasil*”, Ana Carolina Vimieiro procura investigar as formas de organização dos torcedores de futebol no Brasil a partir do uso da Internet na década de 1990. A autora inicia a discussão a partir da última década do século XX com um uso mais restrito no Brasil e a circulação de listas de e-mails. Ela passa para os anos 2000 e a ampliação de uso da Internet, especialmente com as comunidades de clubes no Orkut e finaliza na década de 2010 em diante a partir do uso dissipado entre diferentes plataformas como Twitter, Facebook, Instagram, YouTube, WhatsApp, TikTok... Ela procura pensar na ideia de circulação que mostra como os torcedores, além de consumir, produzem mídia e se engajam em processos de interações diversas nessa circulação midiática. A autora propõe que não se tome o mundo digital ou da Internet como algo separado da vida ordinária. As dinâmicas na Internet acontecem integradas a vida cotidiana em sociedades profundamente midiáticas como experimentamos contemporaneamente.

Mantendo outra relevante tradição do GEFuT que é o trabalho coletivo, Luiza Aguiar dos Anjos, Marina de Mattos Dantas, Felipe Vinícius de Paula Abrantes, João Carlos Silva Guimarães e Luiz Gustavo Nicácio, se propuseram a apresentar alguns elementos que situam a organização de torcidas, coletivos e movimentos. Elas e eles procuraram olhar o que rege esses grupos e quais as suas motivações. No capítulo “Torcidas, movimentos e coletivos de torcedores/as: uma caracterização dos grupos pesquisados”, eles e elas se propõem a contribuir para a atualização dos estudos sobre futebol, além da disseminação da cultura futebolística. A partir dos dados produzidos, o grupo aponta que existe uma constância no fluxo de mudanças e, também, de permanências nas formas de torcer. Os coletivos e movimentos, com suas dimensões variadas acaba mostrando que a normatividade das grandes torcidas, com lugares fixos no estádio e responsáveis pelo “show das arquibancadas” (ou das nossas atuais cadeiras) é apenas uma entre outras formas possíveis de vincular-se coletivamente a prática torcedora. Dialogando com o capítulo anterior, mesmo diminutos em relação as tradicionais TOs, os coletivos e movimentos são reconhecidos pelos clubes mostrando, ao menos como hipótese, o protagonismo da atuação nas redes sociais, lugar de atuação destacada desses grupos. Se, como já apresentado ao longo desse texto, a ideia de unicidade pensada a partir da normativa das TOs é um equívoco, também não é possível pensar nesses grupos ignorando sua diversidade. Uma curiosidade desses coletivos são suas relações extra-clube em que outras dimensões dos sujeitos dialogam em igualdade de hierarquia com o clubismo.

Dialogando com torcedores e torcedoras, Renato Machado Saldanha, Renata Alves Pinto Lemos, Danilo da Silva Ramos, Fábio Henrique França Rezende e Silvio Ricardo da Silva procuraram entender qual a percepção que eles possuem atualmente sobre as TOs, os movimentos e coletivos no capítulo “*Torcidas Organizadas, movimentos e coletivos. A atualidade das arquibancadas brasileiras a partir do olhar de torcedores e torcedoras*”. O objetivo do trabalho

foi traçar um panorama contemporâneo sobre as diferentes formas de organizações torcedoras no futebol brasileiro. O texto apresenta certa cronologia do torcer destacando a origem carnavalizada e, em alguma medida, bem-comportada das primeiras torcidas passando pela militarização das TOs em que a violência e a rivalidade possuíram protagonismo. A expectativa de que a elitização dos estádios, catalisada no Brasil pela Copa do Mundo de futebol de homens em 2014, acabaria com a presença das organizadas nos estádios ou domesticaria as formas do torcer não se mostrou totalmente acertada. Os pesquisadores localizam mais diversidade e pluralidade nas arquibancadas encadeiradas do que o que fora projetado pelos entusiastas do “padrão Fifa”. As organizações que frequentam os estádios brasileiros atualmente apresentam permanências e rupturas com o que se acostumou a visualizar no final do século XX. Além das, então hegemônicas, torcidas jovens, novas organizações torcedoras começaram a denunciar outros mecanismos de exclusão e violência para além dos enfrentamentos físicos mais visíveis como o machismo, racismo, a lgbtfobia, a própria elitização e o fascismo. O objetivo desses grupos seria tornar o estádio um lugar mais plural e acolhedor. As arquibancadas brasileiras possuem dinamismo e multiplicidade comportando organizações com diferenças em suas formas de ação e interesses para agruparem-se dentro dos estádios e em outros ambientes em que o futebol possui protagonismo. O torcer acaba reforçando novamente como ele dialoga bastante bem com as demandas contemporâneas de nossa sociedade com seus processos políticos, econômicos e culturais. Os estádios comportam preconceito, alienação, consumo, hierarquia e violência, mas eles também comportam a solidariedade, a irreverência, a subversão, a resistência e a crítica. Eles são espaços de lutas e contradições.

Em seu texto, Rodrigo Koch, procura discutir como as infâncias e juventudes *futebolizadas* pós-modernas se relacionam com os estádios e times de futebol sob uma ótica internacional. Em “*As novas formas do torcer na contemporaneidade e a sua relação com os estádios*”, ele utiliza a sua experiência em território europeu

para problematizar o envolvimento dos jovens com o esporte. O autor utiliza o conceito de *futebolização* que seria fruto da globalização a partir do futebol espetacularizado e mercantilizado, consolidado durante a década de 1990. Esse conceito engloba o entendimento de que existiria um esporte neomoderno exigindo novas e constantes análises. Ele mostra como atualmente a identificação local no futebol vem perdendo força e que os jovens acabam realizando uma maior identificação com os ídolos globais do que com os clubes locais. O autor mostra que o conceito de *futebolização* é corroborado pela presença das grandes marcas na maioria das cidades da Europa: Real Madrid CF, FC Barcelona e Paris Saint Germain FC. O autor conclui, lamentando, que os jovens estão mais vinculados ao esporte através da mediação dos veículos midiáticos do que com suas presenças nos estádios.

Os gefutenses Georgino Jorge de Souza Neto e Sarah Teixeira Soutto Mayor homenageiam os estádios que não existem mais em Belo Horizonte. O objetivo de “*Uma mirada histórica in memoriam sobre os estádios de futebol na cidade de Belo Horizonte/MG*” é construir uma historiografia sobre essas praças esportivas que compuseram o cenário urbano da cidade. Eles entendem que a construção de um estádio de futebol é mais que um marco geográfico na paisagem. Ele é um investimento de poder que pode revelar tensões, acomodações, aproximações e afastamentos. Os autores concluem apontando para a forte relação existente entre a construção dos estádios e a paisagem urbana de seus entornos. O estádio pode funcionar como um catalisador para o fluxo de desenvolvimento contando com a valorização imobiliária, adensamento populacional, melhorias no transporte público entre outras possibilidades. Há uma evidente relação entre a construção dos estádios e o projeto de modernidade de então para Belo Horizonte. Por fim, existe um grande entrelaçamento das construções dos estádios e o campo da política local. A participação da classe política sempre apresentou protagonismo no processo de construção dos estádios na cidade.

O capítulo “Fragmentos das relações dos torcedores com os estádios mineiros”, de Danilo da Silva Ramos, Christian Matheus

Kolanski Vieira, Priscila Augusta Ferreira Campos, Amarildo da Silva Araújo, João Victor Hortêncio, Rafael Henrique Teixeira e Silvio Ricardo da Silva, encerra o livro. Este procurou mostrar alguns dados que impactam na presença ou ausência de público nos estádios mineiros. Os três limitadores mais preponderantes foram os custos totais das partidas, o preço dos ingressos e o horário dos jogos. O futebol, adjetivado no capítulo como neoliberal, exclui aqueles e aquelas com menores capacidades de consumo. O texto ainda ressalta que a pauta da elitização não pode ser entendida apenas como uma demanda dos torcedores de menor poder aquisitivo, mas do próprio universo cultural das cidades brasileiras. Ao mesmo tempo em que explicitam uma preocupação com os rumos atuais dos nossos estádios/arenas, os autores também destacam que os estádios anteriores também eram excludentes dificultando a presença, dentre outros, de mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência. Os autores e a autora também apontam que a frequência no estádio altera a forma como os torcedores buscam informações sobre seus clubes e que as mudanças tecnológicas propiciam um predomínio do uso da Internet para acessar informações sobre o clube do coração. É possível visualizar, também como os jogos virtuais começam a autorizar ainda outra forma de viver o futebol.

Na virada do século, Arlei Damo radicalizou a importância do futebol, naquele momento ainda privilegiando os brasileiros do gênero de masculino ao afirmar que “Em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu” (2002, p. 11). O futebol é uma prática cultural que faz circular diferentes pedagogias, ensina comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo, extrapolando, em muito, os jogos de noventa minutos. Por sua importância, ele está sempre envolto por disputas de diferentes ordens. Se em nossa sociedade machista, a rua e o jogo de futebol ainda aparecem com algumas interdições para as brasileiras do gênero feminino (e com a especulação imobiliária a rua como espaço de socialização vem sendo interdita), uma análise

sobre a prática torcedora que ignore a presença das mulheres hoje se reduz a erro ou preguiça. O racismo tão presente, naturalizado e, em alguma medida, incentivado e tolerado nos estádios de futebol foi definitivamente colocado em questão.

Um livro como esse que o leitor tem nas mãos procura apresentar justamente essa disputa, esse enfrentamento. Mais do que marcar os vencedores ou os vencidos, esse texto nos explicita as disputas. Norbert Elias já nos dizia não ser possível ler adequadamente uma partida olhando somente para um dos adversários. Não podemos pensar as práticas do torcer somente como permanência ou somente como ruptura. O futebol, com suas particularidades, dialoga com os enfrentamentos contemporâneos da sociedade mais ampla. Temos mais mulheres nos estádios e temos as manifestações machistas acentuadas. O racismo definitivamente não é mais aceitável, mas praticado como nunca. Nos que estudamos “no” ou “o” futebol, também somos militantes. Militamos por nossos clubes, militamos politicamente e militamos, muito, pelo direito de torcer. Cada vez mais o nosso foco está nesse jogo de permanências e transformações. Militamos e defendemos a permanência quando vemos ataques ao direito ao lazer, ao esporte e ao estádio. Também militamos e defendemos as rupturas contra o conservadorismo que dificulta a participação de atores cada vez mais visíveis de nossa sociedade. Espero que essa leitura proporcione a mesma certeza que eu, os autores e as autoras deste livro e os integrantes e as integrantes do GEFut temos: esse jogo fala de e sobre nós, ele é nosso e nós continuaremos a jogar esse jogo!

Referências

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

APRESENTAÇÃO

Não há esporte que rivalize com o futebol em sua capacidade de mobilizar multidões e forjar pertencimentos ao redor do globo. Prática difundida internacionalmente no alvorecer do século XX, na trilha das relações comerciais e coloniais europeias, o futebol foi apropriado e ressignificado pelos mais diferentes povos, tornando-se, muitas vezes, um canal importante para expressão de pertencimentos e afetos locais. Tamanha popularidade atraiu (e segue atraindo) a atenção de governos, partidos políticos, organizações religiosas, empresas, ONGs etc., que buscam, através dele, afirmar seus interesses. Assim, não é exagero afirmar o futebol como um campo em permanente disputa. Um território vivo, pulsante e vibrante da cultura popular, constantemente alimentado por suas tristezas, alegrias, lutas e contradições.

Criado pelo Professor Silvio Ricardo da Silva em setembro de 2006 na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) reúne professores, professoras, estudantes da graduação e da pós-graduação que compartilham a paixão pelo esporte e o interesse no futebol como objeto de pesquisa. Ao longo dos últimos anos, esse grupo vem se destacando como importante espaço de produção e socialização de saberes que contribuam para a compreensão desse fenômeno para

além de sua aparência imediata e obviedades, e que auxiliem na elaboração de políticas públicas de esporte e lazer mais qualificadas.

Respondendo a um edital público proposto, em 2020, pela Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, ligada ao Ministério da Cidadania, o GEFuT mobilizou-se para executar o projeto “Academia & Futebol: o ensino do futebol para além da bola rolando”. Entre outras iniciativas, como a realização de um evento acadêmico e a oferta de aulas gratuitas de iniciação ao esporte, tal iniciativa previa a realização de uma pesquisa sobre as torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores e torcedoras do Brasil, que produzisse informações atualizadas sobre esses grupos, e contribuísse para a compreensão de seus modos de organização e multiplicidades. O livro que agora apresentamos é mais um produto desse esforço coletivo, reunindo resultados da referida pesquisa e outras produções sobre o torcer e os estádios na atualidade a partir de diversos autores que se dedicam ao estudo da temática.